

**EIXO INTERDISCIPLINAR****A FOLIA DE REIS E IDENTIDADE: UM ESTUDO NA  
COMUNIDADE QUILOMBOLA AGRESTE NO NORTE DE  
MINAS GERAIS****THE FOLIA DE REIS AND IDENTITY: A STUDY IN THE AGRESTE  
QUILOMBOLA COMMUNITY IN THE NORTH OF MINAS GERAIS**Marco Antônio Caldeira Neves<sup>1</sup>**RESUMO**

Este Artigo é um recorte da minha Tese e tem como objeto a discussão sobre o modo como os agrestinos afirmam sua identidade no contexto ritual da tradicional Folia de Reis na comunidade Quilombola Agreste, por meio da abordagem de seus aspectos estruturais, históricos e socioculturais, bem como pela importância dessa tradição para a coletividade. A identidade quilombola, que emerge com a Constituição Federal de 1988 para garantir direitos coletivos às comunidades quilombolas, que reivindicaram o direito territorial e cultural, apoia-se numa ancestralidade negra, numa resistência territorial e numa organização social coletiva. Como toda identidade, a quilombola requer exteriorizar os marcadores das diferenças entre os grupos que os circundam. Para marcar as diferenças, as comunidades têm buscado em seus aspectos culturais aquelas manifestações que definem suas diferenciação frente a outras comunidades, dessa forma, tais manifestações demarcam as fronteiras simbólicas afirmando a identidade, delimitando a pertença comum e mantendo os vínculos sociais. Assim, em Agreste, o ritual da Folia de Reis é tratado como *Folia de Seu Lero* e possui características espaciais e temporais próprias, onde o estabelecimento e manutenção de vínculos sociais são vivenciados anualmente. Esta manifestação tradicional alimenta-se da memória coletiva local, por sua dimensão simbólica que informa comportamentos e modo de vida das pessoas, organizadores de uma vasta teia de relações sociais expressadas em seus rituais. Ao mesmo tempo, a Folia de Seu Lero proporciona aos agrestinos sentirem-se membros de uma totalidade social, contribuindo para a manutenção dos vínculos sociais que fundamentam o pertencimento a essa coletividade negra.

**Palavras-chave:** Folia de Reis, Comunidades Quilombolas, Identidade.

**ABSTRACT**

This study intends to map and identify signs of the construction of computational thinking by second-grade students from an elementary municipal school in Rio Grande do Sul. During some periods, during regular classes developed at the school's computer lab, the children were challenged to solve problems sometimes using a programmable robot, or developing activities proposed by the website "Hour of code", or working with programming activities on a software called Scratch. The research method is based on principles of Cartography as proposed by Kastrup, based on Deleuze and Guattari. The analysis of how students tried to solve the problems presented is carried out considering concepts of computational thinking (WING), coding literacy (DUDENEY et al) and digital abilities (PAPERT). The results point out children's autonomous learning process and evidences of abstraction in solving the activities proposed. They also show children's collective actions/thoughts while sharing solutions with their peers, their way.

**Keywords:** Computational thinking. Coding literacy. Digital abilities. Cartography.

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Sociais na subárea Antropologia Cultura (UERJ). Mestre em Música na subárea de Etnomusicologia (UFPB). Graduado em Educação Artística com Licenciatura em Música pela Unimontes. Professor do Curso de Artes Habilitação em Música da Unimontes. E-mail: marco.acneves@hotmail.com, CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7622405467378689>.



## Introdução

Nos estudos recentes sobre os aspectos culturais e identitários das comunidades negras rurais brasileiras, também conhecidas como “quilombolas” e “terras de pretos”, os ritos e sociabilidades festivas têm recebido um papel de destaque. Esses eventos festivos são objeto privilegiado de reflexão antropológica e a pesquisa etnográfica de seus significados é ponto nevrálgico para a compreensão das diversas formas de vida social. No entanto, estudos sobre os rituais realizados pelas populações negras no norte de Minas são incipientes, na medida em que passaram a ser estudados em suas especificidades apenas recentemente, assim, essa pesquisa poderá contribuir para ampliar a compreensão sobre a os simbolismos que informam, nos rituais festivos, a realidade social, cultura e a identitária dos quilombolas norte mineiros.

Partindo do disposto no Artigo 68 do ADCT (ATO DAS DISPOSIÇÕES CONSTITUCIONAIS TRANSITÓRIAS) da Constituição Federal de 1988, que traz às comunidades remanescentes de quilombos o seu direito territorial e cultural, valorizando os aspectos relacionados à ancestralidade, saberes e identidade, a presente Tese tem como foco o modo como os agrestinos afirmam sua identidade no contexto ritual da tradicional Folia de Reis na comunidade Quilombola Agreste, por meio da abordagem de seus aspectos estruturais, históricos e socioculturais, bem como pela importância dessa tradição para a coletividade.

O desenvolvimento do objeto está centralizado na perspectiva da qual a identidade quilombola, emergida pela Constituição Federal de 1988 para garantir direitos às comunidades negras rurais, apoia-se numa ancestralidade negra, numa resistência territorial e numa organização sociocultural coletiva. A partir de Arruti (1997), discutindo os direitos e sujeitos resurgidos na constituição, é possível falar em uma “emergência” do termo quilombolas. Em OD’wyer (2007), a partir da constituição Brasileira de 1988, o quilombo adquiri uma significação atualizada. Com a inclusão do termo *comunidade remanescentes de quilombo*, os membros dessas comunidades passaram a se afirmar como quilombolas, não mais no sentido do período escravista, mas “ressignificado” para afirmar um sujeito portador de direitos coletivos vinculados a uma ancestralidade negra, a um território historicamente construído por seus antepassados, a um processo de resistência para manter-se no lugar onde historicamente viveram e construíram por meio de uma territorialidade como um lugar de pertencimento vinculado a uma organização social singular.

Entre os vários aspectos dessa organização sociocultural, localizamos em Agreste as festas tradicionais, que mobilizam a comunidade numa extensa teia de eventos coletivos e que fazem



parte da memória local. Esses rituais festivos contem aspectos identitários culturais específicos que permitem a articulação social e simbólica tanto intracomunitária quanto extracomunitária.

Como toda identidade, a quilombola requer exteriorizar os marcadores das diferenças entre os grupos que os circundam. Para marcar as diferenças, as comunidades têm organizado politicamente os seus aspectos culturais para enunciar em suas manifestações a diferenciação frente a outras comunidades. Dessa forma, tais manifestações demarcam as fronteiras simbólicas afirmando a identidade cultural, delimitando a pertença comum e estabelecendo a manutenção de vínculos sociais. Assim, os rituais das festas tradicionais, como a Folia de Reis, são representativos dessas fronteiras simbólicas.

Os festejos que ocorrem na comunidade quilombola Agreste são fundamentados nos cultos aos Santos e representam um conjunto vivo de relações sociais e patrimônios simbólicos tradicionalmente compartilhados que estabelecem a comunhão de determinados valores entre seus membros. O ritual da Folia de Reis em Agreste é tratado pela categoria nativa de *Folia de Seu Lero* e possui características espaciais e temporais próprias, onde o estabelecimento e manutenção de vínculos sociais são reinventados anualmente. Para os agrestinos a *Folia* constitui-se como uma tradição religiosa e cultural em que os foliões, o festeiro e sua família, demais moradores e visitantes fazem suas louvações com músicas, rezas e entoam cânticos com demonstração de fé.

Dessa forma, a *Folia de Seu Lero*, como prática cultural específica é afirmada pelos agrestinos como um dos conteúdos que enunciam sua identidade coletiva, podendo ser considerada como resultado da organização social, contribuindo para reafirmarem seus pertencimentos étnicos e culturais, o que ocorre por meio da diferença expressa por um saber-fazer legítimos.

Discuto identidade a partir de Barth (2000), onde elaboro uma leitura das representações sociais que os moradores de Agreste constroem para demarcar as “fronteiras étnicas”, a partir da *Folia de Seu Lero*. A identidade está diretamente ligada ao sentimento de pertença de uma coletividade a um território, onde a própria busca demarcar suas diferenças, construídas sempre em relação aos outros grupos com os quais os quilombolas se confrontam e se relacionam. Com o reconhecimento dessas diferenças, percebidas através da interação entre os grupos, têm-se então a criação das “fronteiras étnicas”, fronteiras essas que, “assentadas no campo do simbólico, constituem-se as fronteiras que marcam a identidade de cada grupo em inter-relações” (OLIVEIRA, 2007: 20).

Abordo também a identidade contextualizada, ou situacional, isto é, dependendo do contexto ela pode ser lida como identidade religiosa, ou étnica, etc. De acordo com a abordagem



contextual, não existe definição de identidade em si mesma, “os processos identitários não existem fora de contexto, são sempre relativos a algo específico que está em jogo” (BARTH, 1969; COHEN, 1974; AGIER, 2001). A identidade é lida considerando o ritual no processo histórico e sociocultural de seu desenvolvimento e através das maneiras como os agrestinos constroem e reconstróem a representação de si mesmos a partir das relações que estabelecem dentro do próprio grupo ritual e das relações externas, portanto, a partir da compreensão dos modos como os agrestinos imersos no seu campo de relações, se auto atribuem quilombolas.

A Folia de Reis é um ritual característico do catolicismo popular que tornou-se predominantemente rural e se fez em povoados, sítios e fazendas. É considerada como uma forte expressão da cultura e religiosidade católico-popular brasileira que ocorre em várias regiões do país, principalmente nos estados do Nordeste, em Minas Gerais, Goiás, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, entre outros, sendo “a viagem ritual mais difundida no Brasil e a mais rica de ritos e crenças próprias” (BRANDÃO, 1985: 138).

Para alguns pesquisadores, a tradição da Folia de Reis teria chegado ao Brasil por intermédio dos portugueses no período da colonização, uma vez que essa manifestação cultural era realizada por toda a Península Ibérica, onde era comum a doação e recebimento de donativos a partir da entoação de cantos e danças nas residências. A Folia fixou-se em terras brasileiras no século XVI, por meio dos Jesuítas, como crença divina para catequizar os índios e posteriormente os negros escravos. Assim, a Folia de Reis brasileira passou a ser composta pelas manifestações culturais de diversas etnias e povos, com variações regionais, seja quanto a estrutura, aos aspectos estéticos, locais, temporais e espaciais, entretanto, mantendo a mesma crença e devoção ao Menino Jesus e aos Três Reis Magos.

Em Agreste, a *Folia de Seu Lero* é descrita através de múltiplos sentidos como “tradição”, “união”, “alegria”, “valor da raça quilombola”, mas também apresenta os desafios e a complexidade de organização para a celebração dos Santos, sendo um elemento diacrítico definidor da diferenciação entre a comunidade Agreste e as comunidades que a circundam. Esse quadro representa duas dinâmicas distintas, por um lado a *Folia de Seu Lero* contribui para que os agrestinos se reconheçam e se afirmem publicamente como quilombola, por outro, contribui para diferenciar-se das populações que a circundam e com quem mantêm contextuais interações.

A abordagem que utilizo para ler a *Folia de Seu Lero* como teoria ritual está embasada na perspectiva teórico-metodológica construída por Tambiah (1985) e Peirano (2002), na medida em que qualquer ação humana pode ser lida na perspectiva de rituais, pois as ações compreendidas como atos de sociedade expressam as visões de mundo de cada grupamento humano e, também,



contribuem para a reprodução de cada sociedade em que a ação esteja sendo realizada.

A vida social é sempre marcada por rituais, devendo ser o estudo de um ritual realizado em uma perspectiva etnográfica, isto é, apreendida pelo pesquisador em campo junto ao grupo em que realiza seus trabalhos. Dessa forma, “podemos considerar um ritual como um fenômeno especial da sociedade, que nos aponta e revela representações e valores de uma sociedade, mas o ritual expande, ilumina e ressalta o que já é comum a um determinado grupo” (PEIRANO, 2003: 10).

O Ritual pode ser considerado como objeto privilegiado da reflexão antropológica na medida em que “toda teoria ritual é uma teoria da cultura”. A noção de ritual se confunde, com a própria história da moderna antropologia. Ritos são antes de tudo, constitutivos das diversas formas da vida social e não se limitam à condição de serem “expressões” destas ou de nelas desempenharem “funções” sociais ou políticas. Como sintetizou a antropóloga Mary Douglas (1966), na condição de animal social, o homem é um animal ritual. Através do ritual pode-se “compreender a dimensão simbólica do comportamento humano” e assim é “condição *sine qua non* para o entendimento de diferentes experiências humanas” (CAVALCANTI e GONÇALVES, 2008: 7). A partir dessa compreensão, destaca-se que, através dos rituais, valores, ideias e conhecimentos são transmitidos contribuindo também para a resolução de conflitos internos aos grupos e para reprodução das relações sociais vividas.

O ritual é uma forma de ação, sobretudo maleável e criativa que, com conteúdos diversos, é utilizado para várias finalidades, não apenas para expressar as visões de mundo de um grupo, mas para realizar a própria produção social desse grupo, podendo, assim, ampliar, acentuar e sublinhar o que é comum em uma sociedade, conforme perspectiva de Peirano (2003).

A *Folia de Seu Lero* como ritual significa um tipo especial de evento, onde é possível observar aspectos fundamentais de como a coletividade vive, se pensa e se transforma nos processos sociais vividos para sua reprodução social. Portanto, como ritual, se constitui como momento propício em que uma coletividade representa a si mesma, não apenas enquanto ato de representação, mas como sociedade em ação, expressando sua religiosidade, sociabilidade, e compartilhando coletivamente suas ideias e valores.

Trata-se de reconhecer-se e afirmar-se frente ao outro. “Eu sou agrestino e não Vereda Vianense”. Tomaz Tadeu da Silva (2000) reforça essa perspectiva. Para esse autor a afirmação da identidade e a marcação da diferença significam, sempre, as operações de incluir e excluir, “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e sobre



quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre o “nós” e “eles” (Ibid: 82).

Assim, frente ao outro, os agrestinos, ao articular seus mecanismos de diferenciação, se afirmam como tal e para isso a coletividade utiliza vários aspectos para exteriorizar os demarcadores da identidade.

Como abordado no capítulo anterior, a *folia de Seu Lero* é um dos conteúdos que possibilitam aos membros da coletividade se afirmarem como tais, dado que a *folia* com suas especificidades e características só existe na comunidade. A *folia de Seu Lero* é, portanto, um diacrítico de Agreste.

Na perspectiva de Barth (2000), como apontado anteriormente, a questão da contrastividade se encontra nos “sinais diacríticos”, isto é, nas diferenças que os próprios atores sociais consideram como significativas. Essas diferenças são ou não mutáveis, ainda que permaneça a oposição entre “eles” e “nós”, marcada pelos critérios de pertença. “Em lugar de emitir uma opinião pré-concebida sobre quais os fatores sociais e culturais que definem a existência de limites, é preciso levar em conta somente as diferenças consideradas significativas para os membros dos grupos étnicos” (O’Dwyer, 2002: 3). Dessa forma, “apenas os fatores socialmente relevantes podem ser considerados diagnósticos para assinalar os membros de um grupo, sendo que a característica crítica é a auto-atribuição de uma identidade básica e mais geral que, no caso das *comunidades negras rurais*, costuma ser determinada por sua origem comum e formação no sistema escravocrata” (Ibid).

Para os agrestinos a *folia de Seu Lero*, enquanto fator relevante para afirmação identitária traduz-se em sentidos de *união, comemoração, alegria* e de valorização da *raça quilombola*. As narrativas dos participantes da *folia* informam essas perspectivas. Dona Jova, moradora da comunidade e participante da *Folia*, ao se referir à manutenção da tradição da *folia* declara:

*E se deixar aquela festa acabar, a gente tá perdendo os valore da raça da gente, num é? Perdendo os valore. A gente tá mostrando que a gente num é aquilo que a gente diz que é. E a gente é quilombola. E aí as criança cresce conhecendo aquela tradição. Quando eles crescer eles vão falar: nós também somo quilombola. Num é? Se deixar eles crescer no, assim, acabar com a festa e eles crescer e não conhecer a festa, eles vai dizer que eles num é, num é: “a, nós somo quilombola, não; quilombola, ele usa isso e isso, nós num usa”. Mas os pai não pode deixar acabar, num é? Eu acho muito importante Essa festa, ela valoriza a comunidade, a raça quilombola, num é? Ela valoriza (DONA JOVA).*

A narrativa supra me remete à compreensão de que a partir de um trabalho de manutenção, atualização, e, portanto, (re) invenção de tradição da *folia de Seu Lero*, a



coletividade podem vivenciar um processo de (re) significação da sua etnicidade, criando elos com o passado de seus ancestrais e concomitantemente com as práticas vivenciadas pelos atuais membros, principalmente os mais jovens. As reflexões de Arruti (1997) podem contribuir para o entendimento deste processo ao anotar que ao tematizar e dar caráter reflexivo à sua cultura e à sua ligação com o passado, o grupo está retirando do fluxo contínuo aquilo que deseja preservar, transformar em símbolo e, por isso, fixar, rompendo justamente com seu caráter de hábito que submete aqueles elementos a uma permanente mutação, para alçá-los a um novo estatuto, o de uma tradição, nesse sentido sempre inventada (ARRUTI, 1997).

No contexto da coletividade Agreste, a (re) significação da *folia* pode expressar a valorização da etnicidade/identidade quilombola na medida em que, ao reapropriarem de elementos substantivos da tradição de seus antepassados com novas finalidades (sobre tudo jurídicas e políticas), num diálogo constante entre preservação e ruptura, tais elementos são transformados em símbolos de contrastividade cultural e passam a adquirir novos significados para a coletividade. Partindo dessa visão, a *folia de Seu Lero* emerge como um dos principais sinais diacríticos de Agreste, considerada pela coletividade como uma tradição diferenciadora das expressões culturais da comunidade e mantenedora das festividades de cultos aos Santos que são transmitidas através das gerações até o momento hodierno.

O sentido de *união* através da *folia de Seu Lero* também é representado nas narrativas dos agrestinos. Dona Jova apresenta em seu relato esse aspecto: *a folia é religiosidade e também significa até, traz até união; união na comunidade. Num é? Muita gente, né? Um povo unido, aquela coisa bonita, e a gente divertia com aquilo (DONA JOVA).*

Nas palavras de Márcio, morador da comunidade, folião e filho de Seu Lero, também é possível apreender esse sentido:

*Essa festividade é um período que o próprio povo fica esperando data, né? Vamo, ó, tá chegando à festa, tá chegando à festa de Seu Elpídio que é de Nossa Senhora Aparecida; tá chegando à festa de junho que é de Santo Antônio; tá chegando à folia de Seu Lero. Então se a comunidade começar a perceber, né, a importância que isso tem, assim, na vida da própria comunidade, porque as crianças ficam esperando chegar essa data, a gente fica esperando chegar essa data, né? Juntar todo o mundo e promover, fazer algo bacana, algo bonito para quem vem de fora ver a força da comunidade, a união da comunidade. Então é um caso assim mesmo de resgatar e reforçar, né? E mostrar às pessoas a importância mesmo que tem (Márcio).*

Esse aspecto está diretamente relacionado ao sentimento de pertencimento. A *folia*, enquanto prática social propícia a que os membros da coletividade possam fortalecer seu sentido de pertencimento étnico, valorizar sua cultura e afirmar sua visão de mundo, compreendida como uma das maneiras para a coletividade reafirmar e transmitir seus valores, também é capaz de



garantir a estabilidade da autoridade no grupo. Dessa forma, a *folia*, a partir dessa capacidade intrínseca, representa a principal função da festa em Agreste, que é o estabelecimento e manutenção de vínculos e o sentido de pertencimento ao grupo.

O pertencimento à coletividade de Agreste tem como referencial a territorialidade comum que o grupo veio construindo através dos tempos, desde o *tempo dos antigos* até o *tempo de hoje*. Representa também os vínculos sociais criados historicamente, atualizados e mantidos intergeracionalmente, assim como, “o orgulho de pertencimento a um grupo que mesmo invisibilizado no cenário nacional, foi capaz de manter-se, resistindo no passado à escravidão e no presente à subordinação a iguais que se fizeram diferentes, negando-os” (COSTA, 1999: 99).

A *folia*, em seus múltiplos sentidos dados pelos agrestinos, assume a função de congregar a comunidade para honrar e festejar os Santos, possibilitando a solidariedade e confraternização no grupo. Em sua estrutura, podemos perceber duas dimensões do fenômeno religioso, o sagrado que se expressava no culto ao santo e o profano, que propiciava a atualização do pertencimento dos indivíduos pelo contato com o coletivo do qual encontravam-se rotineiramente distanciados. O *culto aos santos*, tanto católicos quanto ancestrais, solidariamente embricados, realiza-se em clima de respeito e submissão. Ao se entrar em sua esfera, ocorria a irrupção de uma outra realidade não vivenciada no cotidiano da vida, a sagrada, levando os homens a se confraternizarem (COSTA, 1999).

A solidariedade e atualização dos vínculos se dão durante a *folia* em várias situações rituais, durante os cantos, da ladainha e da alimentação, por exemplo. O momento da comensalidade é um desses momentos, nos quais, em torno da mesa, fartamente abastecida de comida e bebida, os participantes celebram o festar. O momento da alimentação, carregado de ludicidade, propicia a sociabilidade entre as pessoas, entretanto, sua função principal é possibilitar que os vínculos de pertencimento e de solidariedade a uma dada coletividade, sejam expressos.

As festas que têm como característica fundamental, ser a expressão da coesão social do grupo, funcionam atraindo e congregando todos os seus membros numa só identidade. Todas as fissões e diferenças que provocam afastamento nos indivíduos e nos grupos internos, devido às disputas por benefícios e poder político, são anuladas pelo poder de agregação viabilizado pelo rito, tornando propício a que se presentifique a unidade social imaginada que os agrega a todos. No rito, “o grupo, ao colocar em relevo o processo social de construção de si, também celebra os seus limites, ao mesmo tempo em que busca estabelecer as alianças internas e externas favoráveis a que concretize seus objetivos e fins, como sujeitos históricos que são” (COSTA, 1999:166).

Através do ritual da *folia* os agrestinos evidenciam sua união, sua trajetória comum de



construção de sua identidade e atualizam o pertencimento de cada um de seus membros à coletividade. À vista disso, posso constatar que o ritual, visto como uma celebração festiva, e, ao proporcionar a participação das pessoas aos diversos momentos que compõem o mesmo, favorece a renovação do pertencimento ao grupo.

A *folia* transforma-se num local ritual de encontro entre sujeitos dispersos no tempo e espaço, congregando membros da comunidade, de comunidades vizinhas e longínquas, que sempre retornam para participar, mas, cuja noção de pertencimento não se dissipou com o passar do tempo. A celebração aos Santos atualiza os laços de amizade e parentesco, agregando os sujeitos de forma a garantir, no campo simbólico, a existência de uma comunidade muito mais ampla do que a que existe concretamente no espaço físico agrestino.

O sentido de *comemoração* também é dado pelos agrestinos ao ritual. Na perspectiva de Clásio, morador da comunidade, verificamos esse apontamento.

*Porque hoje nós pra ser, manter hoje a comunidade quilombola, nós tem de fazer a comemoração de festa, as festa, né? quilombola, né? Porque essa festa, essa festa de Seu Lero que ele faz das folia, é o primeiro lugar que se apresenta os quilombos, né? Sem, se não tiver as comemorações, porque ser quilombola é comemorar, né? A cultura, e tem de ter a arte, né? Faz parte da arte, né? Então tem de ter. Se não tiver vai só acabando e acabando, o registro fica só no papel. E não pode. Tem de ser cultural mesmo, tem de por a mão na massa e fazer a representação, representar com criança, com adulto, entendeu? Tem de ser comemorado, não pode se acabar, né? Então por isso que hoje nós damos valor nessa folia dele, tradições, e na reza de Seu Elpídio também, do mesmo jeito, são festa também. Vem gente de fora pra comemorar a festa dele. Então isso é muito bom pra poder manter o origem dos quilombo de nossa comunidade (CLÁSIO).*

A partir desse sentido, o *comemorar*, ou seja, rememorar conjuntamente, reviver e compartilhar lembranças coletivas, está diretamente ligado à identidade quilombola agrestina. Através das festas, mais especificamente a *folia de Seu Lero*, a comunidade se organiza para festejar o Santo e a coletividade, agregando-os ritualmente. A *folia*, como uma ação social coletiva que acontece num tempo e lugar definidos e especiais, implicando no imbricamento de afetos e emoções em torno de um objetivo que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes de uma determinada identidade. Festa é a confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes. “Festa, portanto, produz identidade” (GUARINELLO, 2001: 973).

O *comemorar*, a partir da narrativa pode ser relacionada ao termo *festar*, muito usado para designar genericamente os momentos profanos das folias.

(...) o devoto católico, resolvidas suas contas com o sagrado, entrega-se sem culpa a outros jogos de sedução. Essa “parte profana” da festa é tão indispensável quanto as outras (sagradas). Não é errado, portanto, dizer-se que a festa é justamente essa bricolagem de ritos,



(...) e festejos de *devoção* e de pura e simples *diversão*... Como em algumas festas mais tradicionais do *divino*, preserva-se o costume herdado da Idade Média portuguesa de uma distribuição farta e generosa de comida a todos os presentes, completa-se o ciclo dos gestos, de sorte que uma festa popular é a mistura, ao mesmo tempo espontânea e ordenada, de momentos de rezar, cantar, dançar (...). Enfim, de “festar”, palavra brasileira que deliciosamente e sabidamente resume tudo o que se deve fazer em uma *festa popular* (BRANDÃO, 2001:13).

A *folia*, vista como acontecimento coletivo, ultrapassa o sentido da comemoração e atua na formação dos vínculos que fundamentam a experiência vivida pela coletiva. Ela demarca a historicidade dos agrestinos, pontuando o curso da vida dos moradores. A *folia* é referência de temporalidade, marcando um tempo específico de celebração da vida. O apontamento de Perez (2002) sobre Festa traduz essa perspectiva. Essa autora compreende a festa como, “uma forma lúdica de sociação” e como “fenômeno gerador de imagens multiformes da vida coletiva, que busca mostrar como o vínculo social pode ser gerado a partir da poetização e estetização da experiência humana em sociedade” (Ibid: 17).

Portanto, a *folia de Seu Lero*, se configura como lugar privilegiado de exaltação dos sentimentos coletivos, Durkheim (1985). A *folia* é a coletividade unida em estado de celebração/exaltação geral em torno do sagrado, exaltação das paixões comuns, produzindo a comunhão de sentimentos que possibilita o reforço dos vínculos.

A categoria *fé*, a *folia* como representação de *fé*, é também muito recorrente no discurso dos participantes. Nilma, moradora da comunidade e participante da *folia*, reitera esse aspecto em sua fala:

*Para mim é importante por causa que as pessoas falam que São Sebastião foi o santo que livrou todo o mundo da fome e da guerra, né? Então as pessoas cultivam essa fé por causa disso, né? Por causa que acham que ele vai libertar todo o mundo. Na hora da precisão pode socorrer a ele que vai ser atendido. É importante, assim, ter muita fé nele, né? É, da religião. Pessoa que é católica tem muita fé nele, né? Têm muitas pessoas que fazem promessa e vêm cumprir. Igual a Seu Lero mesmo, acho que é mais promessa que ele faz, né? Todo ano trazer folião pra poder, acho que é promessa que ele fez agora que todo ano ele cumpre. Reza. E pela fé também que ele tem no santo. Acho que é o santo que ele escolheu para poder ter a fé. Aí todo ano ele reza. (NILMA).*

Márcio também reitera a fé no Santo a partir da *folia*,

*Eu, particularmente, gosto muito da Folia de Reis. Gosto de assistir mesmo. Eu já saí daqui para ir participar das festas lá de Santos Reis, da comunidade de Santos Reis lá de Montes Claros, só para mim assistir os foliões tocar. Eu gosto de, onde que falar: “Vixe, tem um termo de folia tocando ali”, eu gosto de ir lá e participar, porque eu acho aquele momento ali muito...eu tenho fé naquilo, naquela manifestação que tá cantando, eu vejo seriedade ali. Você entendeu? É como se eu tivesse participando de um culto, de uma missa. Eu vejo essa parte; eu tenho essa percepção, né? (MÁRCIO).*



Através das narrativas apresentadas é possível apreender a relação entre religiosidade, etnicidade e a *folia de Seu Lero*. Esses elementos, o religioso, o étnico e o festar se encontram imbricados na identidade agrestina. Analiso tal questão a partir de Geertz (2012). Na perspectiva geertziana a cultura é o entendimento de mundo e estilo de vida *ideos* e *ethos* representados na teia de significados que o próprio homem tece para si, o entendimento de mundo agrestino tem como base uma perspectiva religiosa de catolicismo popular que propicia a eles vivenciar o mundo. Através dos cultos aos Santos, a coletividade demarca sua diferença. Assim, se etnicidade é uma forma de organização política da diferença, e, se no contexto de Agreste a vivência religiosa por meio das festas, entre elas a *folia de Seu Lero*, marca a diferença dos agrestinos com relação aos seus vizinhos, religião e etnicidade se encontram imbricados. Eles fazem essa diferenciação frente às características e modo de vida de outras comunidades, como por exemplo, à bebedeira que ocorre em Vereda Viana, frente à violência de Brejos dos Criolos, etc. Entretanto, em Agreste eles se reconhecem em seus aspectos diferenciadores. A *folia de Seu Lero* é a festa que contribui para a manutenção de vínculos, vivificação e celebração religiosa pela mobilização coletiva que a folia proporciona.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa Artigo busquei abordar o modo como os membros da coletividade afirmam sua identidade no contexto ritual da tradicional Folia de Reis da comunidade quilombola Agreste, por meio da abordagem de seus aspectos estruturais, históricos e socioculturais, bem como pela importância dessa tradição para a coletividade.

Como visto, tivemos a partir da Constituição Federal de 1988, a emergência da identidade quilombola, resignificada para garantir direitos às comunidades negras rurais. Essa identidade apoia-se numa ancestralidade negra, numa resistência territorial e numa organização sociocultural coletiva. Entre os vários aspectos dessa organização sociocultural, localizamos em Agreste as festas tradicionais, que mobilizam a comunidade numa extensa teia de eventos coletivos e que fazem parte da memória local e da vivência anual por meio das quais atualizam e mantêm relações.

Como toda identidade, a quilombola requer exteriorizar os marcadores das diferenças entre os grupos que os circundam. Para marcar as diferenças, os agrestinos têm organizado politicamente os seus aspectos culturais para enunciar em suas manifestações a diferenciação frente a outras comunidades, dessa forma, tais manifestações demarcam as fronteiras simbólicas afirmando a identidade cultural, delimitando a pertença comum e estabelecendo a manutenção de



vínculos sociais. Assim, os rituais das festas tradicionais, como a *folia de Seu Lero*, são representativos dessas fronteiras simbólicas.

Nessa pesquisa tomei a *folia de Seu Lero* através das “análises integradas, ao mesmo tempo teoricamente abordadas e etnograficamente contextualizadas” (BARTH, 2000:163) para compreender a importância do ritual para os agrestinos e como, a partir da *folia*, a coletividade vive sua religiosidade popular através dos cultos aos Santos e mantêm os vínculos sociais, fato central para a compreensão da identidade agrestina.

A *folia de Seu Lero*, que é organizada e promovida por Aureliano R. dos Santos, foi analisada por meio da perspectiva teórico-metodológica construída por Tambiah (1985) na medida em que qualquer ação humana pode ser lida na perspectiva de rituais, pois as ações compreendidas como atos de sociedade expressam as visões de mundo de cada grupamento humano e, também, contribuem para a reprodução de cada sociedade em que a ação esteja sendo realizada.

Para o desenvolvimento do trabalho, foi necessário analisar a composição da *folia* e, a partir disso, inseri-la em seu contexto social. Os aspectos históricos e socioculturais da coletividade e do ritual, fornecidos através da história oral, cotejados com textos que fazem referência às festas semelhantes, foram fundamentais para a compreensão da *folia* e suas especificidades.

Foi necessário um aprofundamento nos aspectos da religiosidade popular apresentados em estudos da religiosidade em contextos semelhantes, possibilitando apreender a forma como a coletividade expressa sua vida religiosa, se comunica, expressa suas intenções e propósitos através do ritual. Durante a *folia*, ideias e valores, expressos pelos foliões e participantes, encontram-se entrelaçados na cosmovisão da vida social da coletividade. Esses aspectos me permitiram perceber os vários sentidos que a *folia* representa para a coletividade.

A partir da compreensão desses sentidos, ideias e valores, considerei necessário para esclarecer as ações expressadas e realizadas na *folia*, analisar os acontecimentos rituais através dos agentes rituais, nativos e outsiders, que forneceram valiosas informações sobre o ritual. A *folia de Seu Lero* envolve a participação de diversos personagens rituais, tais como os agentes do sagrado (os foliões), o festeiro (Seu Lero), as rezadeiras, devotos nativos e de grupos vizinhos e demais participantes que, mesmo sem ser devotos aos Santos, aproveitam para festejar.

A realização da *folia* significa articular ações rituais como a reza, o leilão, a comensalidade, o giro, enfim, todos os movimentos e dinâmicas para celebração do sagrado e estabelecimento de vínculos. O desafio grandioso de organizar a *folia* requer articular essas dinâmicas concomitante ao desenvolvimento das ações práticas como arrumar o espaço, preparar a alimentação,



reorganizar o espaço após o ritual, etc. Esses movimentos são organizados conforme as condições sociais do grupo e das características do contexto social ritual.

A característica principal da *folia*, posta em relevo durante o ritual, representa um momento de manutenção e atualização de vínculos e coesão social, evidenciado nas narrativas dos agrestinos, expressas simbolicamente durante as ações rituais e nas ideias e valores. A *folia* atrai para a coletividade negra de Agreste, indivíduos sociais da comunidade, das comunidades circunvizinhas, membros das famílias estendidas que vêm de cidades longínquas e até mesmo de outros estados. Todos compõem o mundo do ritual, expressando sua visão de mundo, congregando no momento social extraordinário e atualizando suas práticas e ideologias que compõem seu *habitus* e marcam sua identidade social.

A *folia*, como abordado, acontece no tempo e espaço muito específicos, contudo, possui em sua estrutura uma flexibilidade em seus aspectos sociais e temporais. Os foliões que compõem o ritual podem ou não ser os mesmos, os horários também são flexíveis, dependendo de uma série de fatores externos, o cantório pode variar, com a inclusão ou exclusão de cantos. Apesar de repetir e se reproduzir seguindo uma base calcada no modelo original, a *folia* sofre influência das ações dos atores, dos participantes e do contexto social em que se inserem. “Ritos são sempre flexíveis, modificam-se por sua ação sobre os participantes ou por reproduzirem a sociedade onde ocorrem, seja por gerar criativamente novos acontecimentos, seja por refletir solidariamente a trajetória histórica de dado grupo social, em processo de mudança” (COSTA, 1999: 157).

O ritual da *folia de Seu Lero* compreendido nessa pesquisa como *ato de sociedade*, no qual a coletividade pode representar a si mesma, expressando suas ideias e valores, suas práticas sociais específicas ao seu modo de vida que os identificam, propicia a manutenção e atualização dos vínculos internos e externos.

Enquanto coletividade negra, os agrestinos se reconhecem como tal frente a outras comunidades e afirmam sua identidade coletiva tendo como um dos meios para exteriorizar suas diferenças, os aspectos culturais. A *folia de Seu Lero* faz parte, destarte, dos “estoques culturais” para afirmação da identidade agrestina. Dado que no contexto do reconhecimento do Estado Brasileiro se auto-reconhecem como quilombola, os membros da comunidade de Agreste afirmam, como evidenciado nesta tese, que a *folia de seu Lero* expressa a sua identidade quilombola.

A identidade nessa pesquisa foi discutida através de Barth (2000) onde abordei as fronteiras étnicas e a identidade a partir da contrastividade. Abordei também a identidade contextual/situacional, dependendo do contexto ela é religiosa, ela é étnica. Na *folia de Seu Lero*



há o contexto religioso de culto aos Santos, assim a identidade religiosa foi analisada. *Seu Lero* tem um papel de Mestre e a folia é um diacrítico da identidade de Agreste, que é uma comunidade quilombola. A identidade, portanto, é uma construção política, na fricção entre dois grupos, frente ao outro é que a identidade é afirmada, politicamente afirmada, e, por que ela é politicamente afirmada o estoque cultural a que se recorre não é sempre o mesmo, o estoque é dinâmico. Agreste se afirmar e foi reconhecida como quilombola, assim, busquei discutir a identidade a partir da questão étnica.

Outro aspecto abordado se refere à articulação da *folia* com o processo de reconhecimento da comunidade. Um dos quesitos que fundamentam esse reconhecimento são as manifestações culturais tradicionais e a *folia de Seu Lero* entra como uma manifestação importante para marcar a diferenciação, a identificação quilombola da comunidade.

Outro ponto fundamental está diretamente ligado à relevância da *folia de Seu Lero* e a relação da mesma com o cosmo. Compreendo que o entendimento de mundo embasado no entendimento de mundo religioso dos agrestinos, fundamentado no catolicismo popular, a celebração dos vínculos sociais entre os membros da coletividade e a atualização da promessa de Seu Lero com os santos padroeiros, sustentada coletivamente, está diretamente ligado a auto afirmação dos agrestinos. Eles se sentem agrestinos e quando eles se afirmam como tal se afirmam também através da folia. A festa, apesar de ter caráter familiar, conta com a ajuda da comunidade para organização. Apesar de ser a atualização da promessa ao Santo protetor de *Seu Lero*, ela se constitui um “ato de sociedade”, perspectiva desenvolvida por Durkheim (1985), em que uma coletividade celebrando a si mesmo afirma-se e se produz como tal. Primeiro porque *Seu Lero* é membro da coletividade, segundo, porque a coletividade contribui para a realização da folia. A coletividade contribui para que ela aconteça. A festa expressa por meio da vivência religiosa o entendimento de mundo dos agrestinos e como tal reforça a identidade agrestina que se afirmam como uma coletividade quilombola. Portanto, a relação da festa com o cosmo se dá através da mediação entre o divino e humano pelo santo protetor, o jogo intenso é uma constante negociação de *Seu Lero* com os santos protetores da sua família e da coletividade e com os membros da coletividade Agreste que contribuem que o ajudam a produzir permanentemente a *folia*.

Por fim, através das narrativas etnográficas, foi possível atentar que os agrestinos se auto-afirmam quilombolas, a partir da *folia* através de múltiplos sentidos entre eles *tradição, união, alegria, valorização a raça quilombola e comemoração*. Esses sentidos foram analisados etnograficamente e simultaneamente às fontes teóricas que discutem identidade, assim, a partir de



Barth (2000). Na medida em que vivenciam a *folia* através dessas categorias, a comunidade expõe seu modo de vida, portanto, como uma coletividade unida, alegre, festeira e que busca como estratégia política, principalmente após a Constituição de 1988, valorizar sua etnicidade.

## Referências

ALCURE, Adriana S. *A Zona da Mata é rica de cana e brincadeira: uma etnografia do mamulengo*. Tese de doutorado em Antropologia Cultural. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 2007.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Os quilombos e as novas etnias. In: *Quilombos: Identidade étnica e territorialidade*. Eliane Catarino O'Dwyer (Org.). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

\_\_\_\_\_. Terras de preto, terras de santo, terras de índio – uso comum e conflito. In: CASTRO, E. M.; HÉBETTE, J. (Orgs.). *Na trilha dos grandes projetos*. Belém: NAEA/UFPA, 1989.

\_\_\_\_\_. “Nas Bordas da Política Étnica: os quilombos e as políticas sociais”. In Boletim Informativo NUER/ Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas – v. 2, nº. 2. Florianópolis, NUER/UFSC, 2005.

ANDRADE, Mário de. *Danças Dramáticas do Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

\_\_\_\_\_. *Dicionário musical brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília: Ministério da Cultura; São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1989. (Coleção Reconquista do Brasil, 162).

ARAÚJO, Elisa Cotta. *Nas margens do São Francisco: Sociodinâmicas ambientais, expropriação territorial e afirmação étnica do Quilombo da Lapinha e dos Vazanteiros do Pau de Léguas*. Montes Claros: Universidade Estadual de Montes Claros, 2009. (Dissertação de Mestrado).

ARRUTI, José Maurício Andion. A Emergência dos Remanescentes. In: *Mana* 3(2), 1997, p. 7-38.

\_\_\_\_\_. *Mocambo: antropologia e história no processo de formação quilombola*. São Paulo: EDUSC, 2006.

\_\_\_\_\_. O quilombo conceitual: para uma sociologia do artigo 68. *Tempo e Presença*. Rio de Janeiro, 2003.

BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: LASK, Tomke (org.). *O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. – Fredrik BARTH. Tradução de John CUNHA Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000, p. 25-67.

\_\_\_\_\_. *Ethnic Groups and Boundaries. The Social Organization of Culture Difference*. Boston: Little, Brown and Company, 1969.

\_\_\_\_\_. “Conclusions”. In: F. Barth (ed.), *Scale and social organization*. Oslo: Universitetsforlaget. 1978. p. 253-273.

\_\_\_\_\_. *Cosmologies in the making. A generative approach to cultural variation in inner New Guinea*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

\_\_\_\_\_. “Por um maior naturalismo na conceitualização das sociedades”. In: T. Lask (org.), *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000b. p. 167-186.

BASTOS, Rafael José de Menezes. Etnomusicologia no Brasil: algumas tendências hoje. In: *Antropologia em Primeira Mão*. Florianópolis, Santa Catarina: UFSC, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. Sobre o comunitarismo e a liberdade humana, ou como enquadrar o círculo. In.: \_\_\_\_\_ *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 231 – 245.

\_\_\_\_\_. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p.110.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Folia de Reis de Mossâmedes*. Cadernos de Folclore nº 20. Rio de Janeiro: Arte-FUNARTE, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.

\_\_\_\_\_. *Memória do Sagrado: estudos de religião e ritual*. São Paulo: Paulinas, 1985.

\_\_\_\_\_. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. *O Divino, o santo e a senhora*. Rio de Janeiro: Funarte, 1975.

\_\_\_\_\_. *O que é folclore*. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Coleção Primeiros Passos).

\_\_\_\_\_. *Sacerdotes de Viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais*. Petrópolis: Vozes, 1981.

\_\_\_\_\_. *Pesquisa Participante*. São Paulo, Brasiliense, 1981.

CAPINAN, Ubiraneila. *Identidade ou Identidades? A relação identitária das comunidades rurais negras, na Bahia, após aplicação do Artigo 68 da constituição brasileira*. 2007. 66 f. Monografia (Bacharelado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2007.

CASTELLS. Manuel. Paraísos comuns: identidade e significado na sociedade em rede. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. In.: \_\_\_\_\_ *O poder da identidade*. 2. ed. São Paulo: Paz e terra, 1999.

\_\_\_\_\_. A rede e o ser. Tradução Roneide Venâncio Majer. In.: \_\_\_\_\_ *A sociedade em rede*. 8. ed. São Paulo: Paz e terra, 1999.

\_\_\_\_\_. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAVALCANTI, Maria L.; GONÇALVES, José Reginaldo S. G. (Orgs). *As festas e os dias*. Ritos e sociabilidades festivas. Rio de janeiro, RJ: Contracapa, 2009.

CEDEFES. CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO ELÓY FERREIRA DA SILVA (org.). *Comunidades quilombolas de Minas Gerais no séc. XXI: História e Resistência*. Belo Horizonte: Autêntica; CEDEFES, 2008.

CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

\_\_\_\_\_. "Fieldwork, Reciprocity and the Making of Ethnographic Texts". *Man – The Journal of the Royal Anthropological Institute*, vol. 15, n. 3, 1980.

CONTINS, Márcia; GONÇALVES, José Reginaldo Santos. A escassez e a fartura: categorias cosmológicas e subjetividade nas festas do Divino Espírito Santo entre imigrantes açorianos no Rio de Janeiro. In: CAVALCANTE, Maria Laura Viveiros de Castro; GONÇALVES, José Reginaldo Santos (Orgs.). *Ritos e Sociabilidades festivas*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2009, p.11-36.

\_\_\_\_\_. Entre o Divino e os Homens: a arte nas festas do Divino Espírito Santo. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 67-94, jan./jun. 2008.

COSTA, João Batista de Almeida. Agreste e Brejo dos Crioulos: situações desiguais no território negro da Jahyba. *Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2008*.

\_\_\_\_\_. A Reescrita da História: A valorização do negro e a atualização de relações ancestrais no norte de Minas. In: *Revista Verde Grande* 1(2): Montes Claros, 2005.

\_\_\_\_\_. Cultura, Natureza e Populações Tradicionais: o sertão norte mineiro como síntese da nação brasileira. In: *Revista Verde Grande*, 1(3), Montes Claros: 2005. p. 8-48.

\_\_\_\_\_. Brejo dos Crioulos e a Sociedade Negra da Jaíba: novas categorias sociais e a visibilização do invisível na Sociedade Brasileira. In *Pós – Revista Brasileira de Pós-Graduação em Ciências Sociais*, Ano V, 2001, p 99-122.

\_\_\_\_\_. *Do tempo da fartura dos crioulos ao tempo de penúria dos morenos: a identidade através de um rito em Brejo dos Crioulos (MG)*. Dissertação de Mestrado. Brasília: Unb, 1999.

\_\_\_\_\_. Saber-se quilombola, ser quilombola: o enredamento de Brejo dos Crioulos (MG) nas tramas do aparelhamento estatal. Florianópolis: *IV Reunião de Antropologia do Mercosul*, GT1 Laudos Antropológicos, 2003, (mimeo).

\_\_\_\_\_. Mineiros e baianeiros: englobamento, exclusão e resistência. Brasília, 2003. Tese (Doutorado) – Departamento de Antropologia, UnB.

\_\_\_\_\_. Nossas caras em nossas coisas: artesanato, cultura e identidade. In: *Cadernos de Agosto 2 - Artesanato: vetor de comunicação entre culturas*. Montes Claros: Prefeitura Municipal de Montes Claros, 2004.

\_\_\_\_\_. Processos de territorializações e o deslizamento de conteúdos na etnicidade quilombola em Agreste. In: *Revista Argumento*. n. 7. , Montes Claros: Unimontes, 2013.

\_\_\_\_\_. *Projeto Batuque dos Negros do Norte de Minas: o que é dito e o que é feito em ritos locais que são referência cultural regional*. Montes Claros: Unimontes, 2010.

COSTA FILHO, Aderval. *Laudo de Identificação e Delimitação Territorial do Quilombo do Gorutuba (Norte de Minas Gerais)*. Ministério da Cultura: Fundação Palmares. Brasília, 2005.

DAMATTA, Roberto A. O ofício do etnólogo ou como ter Anthropological Blues. In NUNES, E. (org.) *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. *Carnavais, Malandros e Heróis*. São Paulo: Rocco, 1979.

\_\_\_\_\_. *O que faz o Brasil, Brasil*. 8. Ed. São Paulo: Rocco, 1986.

DOUGLAS, Mary. *Purity and danger: an analysis of the concepts of pollution and taboo*. London/NY: Arks Paperbacks, 1966.

\_\_\_\_\_. *Natural Symbols: explorations in cosmology*. Hanmondsworth: Penguin, 1973.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Sistematização Nacional das Comunidades Remanescentes de Quilombo. In: *Revista Palmares 5*, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2000, p. 10-44.

GARCIA, Sylvia Gemignani. Antropologia, modernidade, identidade: notas sobre a tensão entre o geral e o particular. In: *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 5(1-2): 123-143, 1993.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

\_\_\_\_\_. *O saber local – novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. “Estar lá: a antropologia e o cenário da escrita”; “Estar aqui: de quem é a vida, afinal?” (pp.169-193). In: *Obras e Vidas. O antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: UFRJ ed., 2002, pp.11-39; 169-193.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Porto Alegre: Artmed, 2005, p.38-45.

\_\_\_\_\_. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

\_\_\_\_\_. Ainda sobre os quilombos: repensando a construção de símbolos de identidade étnica no Brasil. In: REIS, E. et all. (orgs.) *Política e cultura: visões do passado e perspectivas contemporâneas*. São Paulo: Hucitec/ANPOCS, 1996b.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo Centauro, 2006.  
MENDES, Sandra Regina e Anjos, Dílson Araújo(org). In: *Ipiaú: histórias de nossa histórias*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 2006.

HALL, Stuart. “The work of representation”. In: HALL, Stuart (org.) *Representation*. Cultural representation and cultural signifying practices. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

\_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. *Da diáspora*. Identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.



\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LUCAS, Maria Elizabeth; ARROYO, Margarete; STEIN, Marília; PRASS, Luciana. Entre congadeiros e sambistas: etnopedagogias musicais em contextos populares de tradição afro-brasileira. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, n. 3, 2003, p. 4-20.

MOURA, Glória. As Festas nos Quilombos Contemporâneos e Afirmação da Identidade Étnica. *97ST0221*. In: *XXI ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS*.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *O Negro no Brasil de Hoje*. São Paulo: Global Editora, 2006.

MUNANGA, Kabengele. Origem e Histórico do Quilombo em África. In: MOURA, 2001, p.20-31.

NERI, Renato Aquino. *Três faces de uma organização social: Parentesco, Casamento e Compadrio*. Montes Claros. 2008. 115f. Monografia (graduação em Ciências Sociais) Unimontes: Montes Claros, 2008.

NEVES, Marco Antônio Caldeira. *A Música da Folia de Reis na Comunidade Quilombola Agreste do Norte de Minas Gerais*. 2010. 168 f. Dissertação (Mestrado em Música na área de concentração em Etnomusicologia). Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, 2010.

O'DWYER, Eliane Cantarino (Org). *Quilombos: Identidade étnica e territorialidade*. Rio de Janeiro: Editora UFV, 2002.

OLIVEIRA, Bernardo Macedo. *Representações étnicas em Agreste: marcadores da identidade coletiva*. 2007. 94 f. Monografia (Ciências Sociais). Universidade Estadual de Montes Claros, UNIMONTES, Montes Claros, 2007.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Antropologia e moralidade. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n° 24, ano 9, fevereiro de 1994, p. 110-121.

\_\_\_\_\_. Identidade Étnica, Identificação e Manipulação. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976, p. 1-31.

\_\_\_\_\_. *Caminhos da Identidade: ensaios sobre identidade e multiculturalismo*. São Paulo, Unesp/Brasília, Paralelo 15, 2006.

PEREIRA, Luzimar Paulo. *Os andarilhos dos Santos Reis: um estudo etnográfico sobre Folia de Reis e bairro rural*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

\_\_\_\_\_. À mesa com os Santos: a noção de “fatura” nas Folias de Urucuia (Minas Gerais). In: GONÇALVES, José Reginaldo; GUIMARÃES, Roberta Sampaio; BITAR, Nina Pinheiro (Orgs.). *A Alma das Coisas: patrimônio, materialidade e ressonância*. Rio de Janeiro, MAUAD Editora, LTDA, 2013, p. 155-184.

\_\_\_\_\_. *Os giros do sagrado: um estudo etnográfico sobre as folias em Urucuia, MG*. 2009. 437 f.



Tese (Doutorado em Ciências Humanas, Subárea de Antropologia Cultural). Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Rio de Janeiro, UFRJ, 2009.

\_\_\_\_\_. O 'giro' dos outros: fundamentos e sistemas nas folias de Urucuia, MG. *Mana*, v. 20", p. 545-573, 2014.

\_\_\_\_\_. Os sacrifícios da carne: a morte do gado e a produção dos banquetes nas folias de Urucuia, MG. *Religião e Sociedade*, v. 32, p. 71-96, 2012.

PEREIRA, Mabel Salgado; CAMURÇA, Marcelo Ayres (orgs). *Festa e Religião: imaginário e sociedade em Minas Gerais*. Juiz de Fora: Templo Editora, 2003.

PINTO, Tiago de Oliveira. Som e Música: questões de uma antropologia sonora. In: *Revista de Antropologia*, 44(1). São Paulo: USP, 2001.

PRASS, Luciana. Tambores do Sul: um projeto etnomusicológico e videográfico sobre as práticas musicais em comunidades remanescentes de quilombos no RS. In: VII Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), 2007. Porto Alegre. *Anais da VII RAM*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

\_\_\_\_\_. *Maçambiques, Quicumbis e Ensaaios de Promessa: musicalidades quilombolas do sul do Brasil*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.

QUEIROZ, Luís Ricardo Silva. *Performance musical nos ternos de Catopês de Montes Claros*. 2005. 236 f. Tese (Doutorado em Música na área de concentração em Etnomusicologia). Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador, 2005.

SILVA, Nayara Alvim. *Quilombo do Agreste: religiosidade negra no Norte de Minas*. 2008. 99 f. Monografia. (Ciências Sociais). Universidade Estadual de Montes Claros, UNIMONTES, Montes Claros, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

ZALUAR, Alba. Os santos e as suas festas. In: *Religião e Sociedade*. São Paulo: Cortez Editora, vol. 8, p. 53-60, 1982.

**Artigo recebido:12/08/2020.**

**Artigo aceito: 02/09/2020.**